

A ERA DA INFORMAÇÃO É ESSENCIALMENTE A ERA DA LEITURA?

IS THE INFORMATION AGE ESSENTIALLY THE READING AGE?

Bruna FURLAN¹
 Beatriz Maria EICHENBERG²
 Wellington Luiz VOJNIEK³
 Tamara GERICKE⁴
 Rosana Mara KOERNER⁵

Resumo: O presente artigo apresenta os resultados do estudo que teve como objetivo principal entender se o acesso à internet e ao seu incalculável acervo literário estimula (ou não) a leitura de livros, tendo em vista o avanço tecnológico e a apropriação cultural dos grandes novos suportes digitais. O estudo também investigou possíveis mudanças nos hábitos de leitura dos indivíduos conectados ao universo digital atual – sejam elas em função desses novos suportes ou até mesmo pelas características exclusivas do conteúdo (diagramação, usabilidade, caracteres) criado para circular na web. Os dados da pesquisa foram obtidos através de um questionário *online* e o trabalho elaborado descritiva e qualitativamente. Burke (2002), Freire (1989) e Moraes (2012) são alguns dos autores referenciados na pesquisa, a qual evidenciou, dentre outras considerações, a constante transformação na concepção de leitura.

Palavras-chave: Leitura Digital. Leitura na Contemporaneidade. Leitura no Brasil.

Abstract: In this article the main objective is to understand whether or not the access to the internet and its incalculable literary collection stimulates the reading of books, considering the technological progress and the cultural appropriation of large new digital supports. The study also investigated possible changes in the reading habits of individuals connected to the current digital environment - whether in terms of new media or even the unique characteristics of content (diagramming, usability, characters) created to circulate on the web. The research data were obtained through an online survey questionnaire and the work descriptive and qualitatively elaborated. Burke (2002), Freire (1989) and Moraes (2012) are some of the referenced authors. The work shows, among other considerations, a constant change in the reading conception.

Keywords: Digital Reading. Reading in Contemporaneity. Reading in Brazil.

Introdução

¹ Graduanda de Letras – Português e Inglês na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). bruna.sfurlan@gmail.com.

² Graduanda de Letras – Português e Inglês na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). eichenbergbeatriz@gmail.com.

³ Graduando de Letras – Português na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). wellingtonvojnief@gmail.com.

⁴ Graduanda de Letras – Português e Inglês na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). tamaragericke@hotmail.com.

⁵ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professora nos cursos de Letras e de Pedagogia e no Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville. Coordenadora Institucional do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). rosanamarakoerner@hotmail.com.

O avanço da tecnologia e o cada vez mais globalizado acesso às plataformas digitais por meio de celulares, *tablets* e *notebooks* já são temas recorrentes. Em 2015, dados publicados pelo Governo do Brasil revelam que a quantidade de usuários da internet chegou a 58% da população. São cerca de 102 milhões de internautas, 5% a mais do valor levantado em 2014. E este número não para de crescer.

A empresa GlobalWebIndex, responsável por pesquisas e tabulações de métricas do mundo digital, publicou também em 2015 que os brasileiros ficam cerca de três horas e quarenta minutos *online* pelos celulares todos os dias. Assim, o Brasil ocupa o terceiro lugar do *ranking* dos países com usuários mais tempo *online* em dispositivos móveis, atrás apenas da Tailândia (quase quatro horas) e Arábia Saudita (três horas e quarenta e oito minutos).

Considerando que o brasileiro é então um assíduo usuário, e que, assim sendo possui entrada livre ao incalculável conteúdo literário disponível na internet, buscar estabelecer indicadores que apontem mudanças significativas (ou não) nos hábitos de leitura da população parece ser uma cativa abordagem.

Familiarizado com a leitura em tela do conteúdo exclusivamente criado para circular em sites, mídias sociais e constituído por um caráter mais dinâmico e superficial dos temas, teme-se que livros – mais densos – ocupem menos espaço entre as horas *online* dedicadas diariamente.

Nesse sentido, o projeto de pesquisa cujos resultados serão aqui discutidos encontrou sua relevância na tentativa de melhor compreender o comportamento dos leitores no Brasil, seus hábitos de consumo e a relação entre canal e conteúdo. Além disso, permitiu indicar se o acesso ilimitado às informações interfere na aquisição de conhecimento e/ou constrói superleitores, e o impacto no mundo “físico” editorial.

Este artigo, desenvolvido a partir de uma pesquisa de graduação no âmbito da disciplina de Linguística Aplicada à Língua Portuguesa, pretende apresentar e trazer à discussão o ato de ler na contemporaneidade por meios digitais e seu efeito no estímulo à leitura de literatura no suporte livro, questionando se os novos meios de acesso à leitura, mais fáceis e portáteis, podem influenciar diretamente no aumento da leitura de livros ou se a experiência de leitura em tela, através dos dispositivos móveis, estimula ou não o sujeito a migrar do livro físico para o digital (*pdf*, *e-books*, audiolivros e etc.) e se por fim a democratização do acesso à internet oferece uma relação maior entre os livros e os sujeitos.

Para nortear a pesquisa, assim como a análise dos resultados, utiliza-se aqui o conceito de leitura dado por Magda Soares que afirma: “a leitura não é (...) ato solitário; é interação verbal entre indivíduos e indivíduos socialmente determinados” (SOARES, 2000, p. 18). Ou seja, a leitura é um

processo dinâmico e dialógico, “não basta nem mesmo somar as contribuições do leitor e do texto. É preciso considerar também um terceiro elemento: o que acontece quando leitor e texto se encontram” (LEFFA, 1996, p. 17).

Com base nessas questões, a pesquisa foi aplicada entre estudantes regularmente matriculados em uma Universidade, divididos nos cursos de licenciatura de Letras, Pedagogia, Educação Física, História e Artes Visuais.

A partir dos resultados, foi possível segmentar os perfis em duas grandes categorias: aqueles que têm um contato maior com a leitura através dos dispositivos móveis e aqueles que não, além de suas principais características, diferenças e anseios em relação ao exercício de leitura.

Referencial teórico

Imagine-se lendo um artigo acadêmico com cerca de 20 páginas. Agora tente lembrar-se da última vez que conseguiu dar conta de todas as notas de rodapé, referências apontadas dentro e fora do texto, citações, comentários, vocabulário e intertextualidades em geral, durante o processo de leitura.

Parece no mínimo desafiador. Hoje, na era digital, é semelhante a tal forma que a leitura ocorre. O texto nunca foi apenas um texto isolado pairando sobre cabeças – o pensamento bakhtiniano leva à perspectiva histórico-cultural, suas relações dialógicas e reivindica uma interpretação participativa, integradora, social e diversa na construção do objeto de leitura. No entanto, carregando a internet em celulares diariamente, essas noções foram elevadas a potências muito maiores, uma vez que nunca se teve um contato tão múltiplo e simultâneo com a leitura.

Fazendo a relação do artigo acadêmico de 20 páginas com o conteúdo que circula na internet, será que há novos leitores? Ou preservam-se os mesmos hábitos analógicos do passado?

Há milhares de anos os primitivos utilizavam como suporte as paredes rochosas para esboçar homens e quadrúpedes, objetos e símbolos. Conforme o tempo passou, o sistema de registro evoluiu juntamente com as linguagens e a variedade de suportes, compondo uma curiosa e estreita relação entre suporte, leitura e gênero que de certa forma se retroalimenta em um processo constante de transformação. Acerca disso Marcuschi reflete: “O certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte. Portanto, há que se considerar este aspecto como um caso de coemergência, já que o gênero ocorre (surge e se concretiza) numa relação de fatores combinados no contexto emergente.” (p. 2).

Assim, é plausível afirmar que o conteúdo (gênero) textual, ainda que modificado pelas questões socioculturais de cada época, é ainda mais determinado pelo suporte em que circula.

Portanto, em resposta à pergunta acima, embora arriscado e isento de pretensões definitivas, é possível acreditar que os novos suportes criaram novos gêneros, hábitos, mas não necessariamente leitores renovados.

O progresso também viabilizou a comunicação e a troca de informações com maior qualidade. Por longo período, a escrita e a leitura foram atreladas às esferas sociais demarcadas, como o clero e a elite e o suporte restrito aos livros religiosos. É no século XV e a partir de Johannes Gutenberg que essas práticas se dispersam mais livremente, com a invenção da prensa móvel. Com a evolução tipográfica, mudanças significativas ocorreram, soluções para alguns problemas foram encontradas e outras criadas, gerando “grandes mudanças nos estilos de leitura, escrita e organização de informações” (BURKE, 2002, p. 179). Além das transformações nas operações práticas, o avanço da tipografia opera mudanças psicológicas no ser humano, trazendo por um lado entendimento a alguns fenômenos, por meio da crescente divulgação dos estudos científicos, dos descobrimentos no período das grandes navegações e, por outro lado, aumentando o desconhecido perante um mundo que começa a expandir um meio de comunicação como “suporte para a transmissão dos conhecimentos e como matriz lógica do pensamento que contribuiu para uma mudança de mentalidade” (RODRIGUES, 2012, p. 194).

Saltando para o século XIX, as formas de comunicar notícias inéditas ou histórias tiveram uma enorme evolução na era da eletricidade, seja por meio auditivo como o telégrafo, o fonógrafo, o telefone, o rádio ou por meio visual, com a máquina de escrever e o daguerreótipo⁶, como cita Dias (1999). Dessa forma, o consumo de textos literários aumentou e, conseqüentemente, sua produção.

É em 1808, com a vinda da família real, que a circulação de informações começa a expandir-se no Brasil pela produção da imprensa portuguesa. Naturalmente, as notícias políticas e econômicas eram majoritárias, ficando o conteúdo literário com um espaço reduzido. Essa área destinada ao entretenimento dos leitores, segundo Sales (2007), chamava-se Variedades, Miscellanea, Litteratura ou Folhetim, e, mesmo que diminuta, muito contribuiu para a divulgação de escritores iniciantes e para a formação literária dos leitores, ainda que poucos.

Em 1886, o jornal *A folha do norte* inicia suas atividades periódicas, dando grande ênfase em assuntos literários, como nos mostra Sales (2007, p. 50): “Além da publicação permanente de folhetins, que circulavam diariamente, apareciam também notícias avulsas referentes à Literatura,

⁶ O daguerreótipo (em francês: *daguerrotype*), inventado por Daguerre 1787-1851, físico e pintor francês, foi o primeiro processo fotográfico a ser anunciado e comercializado ao grande público. O aparelho fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre. Foi divulgado em 1839, tendo sido substituído por processos mais práticos e baratos apenas no início da década de 1860.

como anúncios de lançamentos ou de vendas de livros; colunas críticas, assinadas pelos intelectuais da época; avisos de vendas em livrarias; publicação de poesias (...).”

A partir disso, nota-se que os meios de circulação da literatura começaram a emancipar-se dos jornais, ganhando terreno outro suporte de circulação: o livro. Esse foi um grande passo para os escritores, pois o espaço que tinham até então se limitava aos periódicos e quando não o disputavam com outros gêneros.

Dos livros para o computador, na década de 1970, o Brasil trava enormes discussões em detrimento do desenvolvimento das telecomunicações e é na década de 1980 que o *Personal Computer* se populariza por sua queda de preço, como afirma Pereira (2014).

Chegando ao século XXI, precisamente aos livros digitais e aos dispositivos móveis, observa-se que a procura por esses suportes de leitura vem aumentando, o que implica uma mudança na forma de produzir e ler literatura, pois o gênero digital, mais do que nunca, possui várias formas de linguagem em um curto espaço. O tempo também é reduzido por conta da velocidade que as informações são processadas e a quantidade de conteúdo produzido é tamanha que já assustava Jeffrey no século XIX:

Escrevendo em 1819, Francis Jeffrey, um literato inglês, expressava seu temor de que “se continuarmos a escrever e rimar no ritmo atual por mais 200 anos, será preciso inventar alguma nova arte de leitura taquigráfica – caso contrário toda leitura será abandonada em desespero”. De um modo informal, era o que já vinha acontecendo havia séculos (BURKE, 2002, p. 179).

Os autores Bottentuit Junior (2007) e Moraes (2012) convergem em vários pontos em suas pesquisas. Um deles é a preferência dos entrevistados pela leitura em meios físicos, justamente porque no texto físico não há “tantas opções de ferramentas como há no meio digital. Torna-se difícil focar somente no conteúdo do texto quando há uma variedade de acessórios virtuais que podem ser ativados a qualquer momento do período da leitura” (MORAES, 2012, p. 9).

Percebe-se que o medo de Jeffrey permanece até a atualidade de certo modo, porém, esse medo transmuta-se quando são citados os acessórios virtuais, que em outros termos chama-se hipertexto ou *hiperlink*. Essa rede interconectada é amplamente flexível e, se mal utilizada, pode ser uma grande armadilha. Bottentuit Junior (2007) explica, no contexto dos *e-books*, que na rede de hipertexto existem nós que equivalem a núcleos de informação (textos, imagens, sons, vídeos, etc.) nos quais pode não haver início nem fim, é isso que transforma uma estrutura em rede. Para ele, essa hiperinformação em alguns casos pode promover “a desorientação cognitiva (*cognitive load*), ou seja, aquilo a que se pode chamar de perda no hiperespaço e que é causado pela entrada do utilizador em vários percursos na busca de novas informações que o vão distanciando cada vez mais da informação inicial” (BOTTENTUIT JUNIOR, 2007, p. 107).

Assim, aponta-se o que o humanista Conrad Gesner nos disse na floração dos livros no século XVI e que Peter Burke (2002, p. 175) trouxe para a atualidade: “o que alguns contemporâneos percebiam era uma *desordem de livros* que precisava ser controlada. Este é certamente um problema com que nós também estamos brigando atualmente, nos primórdios da mídia eletrônica”.

No tocante a todo esse fluxo de informações e à facilidade do contato com os livros digitais, questiona-se se a era digital pode apontar ou não para caminhos fluentes de leitura. Marcuschi (2003, p. 12) levanta alguns apontamentos sobre o assunto:

O suporte tem um formato específico e é convencionalizado, ele pode ter contribuições ao gênero. Contudo, isto é problemático, pois também se pode dizer que os gêneros são ecológicos, no sentido de que desenvolvem nichos ou ambientes de realização mais adequados, seja para se fixarem ou circularem.

A seguir, a análise dos dados da pesquisa refletirá sobre essas questões.

Método

Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva com abordagem qualitativa, realizada entre estudantes regularmente matriculados em uma Universidade, nos cursos de licenciatura de Letras, Pedagogia, Educação Física, História e Artes Visuais. O instrumento de coleta de dados foi o questionário da pesquisa, aplicado *online* por e-mail. Foram aplicadas 15 questões e 91 pessoas responderam ao questionário.

É importante esclarecer que este artigo foi desenvolvido durante todo o ano letivo de 2017 e que por questões de aplicação pedagógica, o projeto de pesquisa foi fracionado em etapas. A primeira delas tinha o objetivo de estabelecer o perfil dos entrevistados a partir de dois indicadores: idade e ocupação profissional. A seleção desses indicadores não foi arbitrária, uma vez que a idade possui relação estreita com a afinidade do sujeito com suportes contemporâneos, e a ocupação profissional relaciona-se ao poder aquisitivo e finalmente ao acesso a tecnologias mais avançadas no que tange a experiência de leitura (telas maiores, usabilidade, interface e armazenamento robusto para o acervo de conteúdo e até mesmo para o *download* de aplicativos que auxiliem o processo).

Os resultados apontaram que 88% dos entrevistados tinham entre 18 a 25 anos dos quais 56% exerciam atividades remuneradas, 35% declararam ser estudantes ou bolsistas e 8% não responderam. Indicando, portanto, em linhas gerais, jovens familiarizados com o universo digital e com poder aquisitivo autônomo, o que de alguma forma garante ou facilita a aquisição de dispositivos móveis.

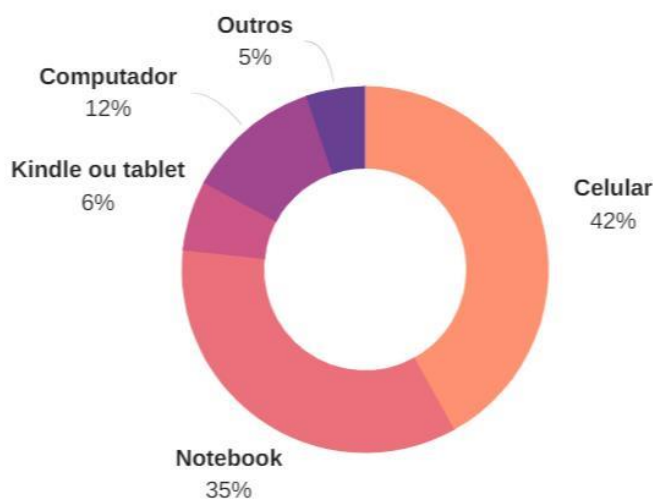
As demais etapas da pesquisa se ocuparam de investigar o comportamento destes usuários, desde a escolha da tecnologia até o conteúdo selecionado para leitura, sua frequência, desafios e valores. Os dados foram tabulados e analisados a partir da pergunta que norteou o estudo: a era da informação é essencialmente a era da leitura? Assim, a seguir, no formato de personas, representações fictícias dos entrevistados serão apresentadas, suas principais características, diferenças e motivações. Para facilitar a leitura, gráficos com os dados integrais foram inseridos.

Resultados e discussão

Persona *millenium*⁷ e *vintage*⁸

Carlos e Joana são estudantes de cursos de licenciatura, os dois possuem 22 anos e não vivem sem seus *smartphones*, embora tenham um *notebook* e acesso ao computador da família em casa e a outros suportes como *tablet* ou *kindle*. Representado no gráfico abaixo, é possível perceber que, assim como eles, a maioria dos entrevistados possui um celular e um “notebook”, sendo o celular o predominante:

Gráfico 1: Qual é o dispositivo móvel que você mais utiliza?



Fonte: dados obtidos na pesquisa.

Antenados, costumam ler na internet reportagens e notícias do Brasil e do mundo que

⁷ A persona *millenium* refere-se àquelas pessoas que não vivem sem internet. São influentes, e sempre estão em busca de novos recursos tecnológicos e facilidades.

⁸ O próprio termo já explica: *vintage* significa algo clássico. Então, uma persona *vintage* é aquela que gosta de um estilo de vida que remete aos anos 1920, 1930, 1940, 1950 e 1960.

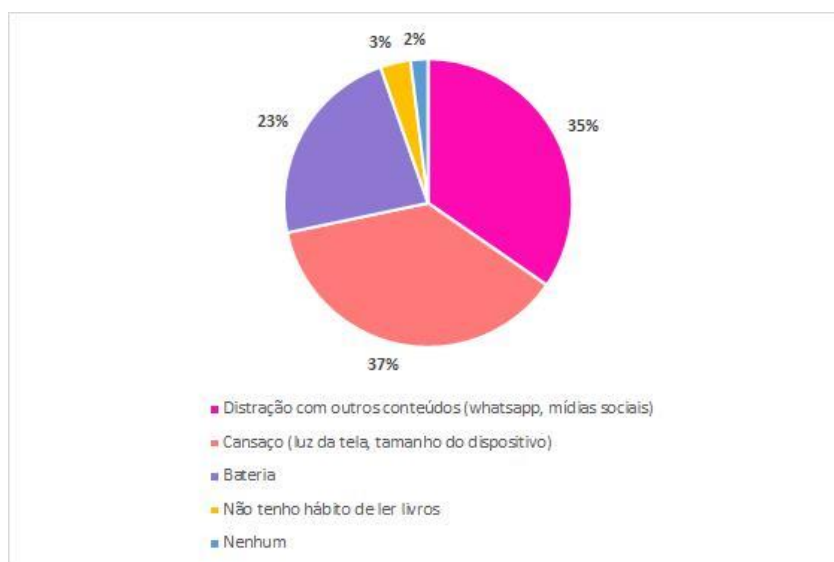
correspondam a seus interesses. Também gostam de se informar através dos *posts* nas redes sociais e para acompanhar o ritmo dos estudos, fazem *download* de artigos acadêmicos e livros pelos dispositivos móveis. Em média, toda essa atividade gera uma leitura de 5 a 10 páginas por dia.

Ambos leem pelo menos um livro por mês pelo celular, mas quando se trata de preferências, Carlos e Joana são bem diferentes.

Começando pelo fato de que Joana não gosta de ler livros pelo celular ou qualquer outro dispositivo móvel, não porque não tenha acesso, mas porque no fundo carrega um apego emocional ao cheiro das páginas, à sensação de segurar um livro. Além disso, ela se incomoda com as distrações constantes do *whatsapp*, redes sociais, e-mail e etc. A luz e o tamanho da tela também transformam a leitura em uma experiência desagradável, cansativa e a bateria do celular não acompanha seu ritmo. Além disso, explica Moraes (2012, p. 09) que “Assim como em todas as revoluções anteriores da cultura impressa, esta nova cultura eletrônica, digital, oportuniza técnicas de leitura diferenciadas das já vividas e o avanço demora a ser aceito e inserido como parte da cultura presente”.

Essa afirmação é exemplificada quando o questionamento sobre os pontos negativos da leitura em meio digital foi apresentado:

Gráfico 2: Quais os pontos negativos da leitura de livros em suportes eletrônicos?

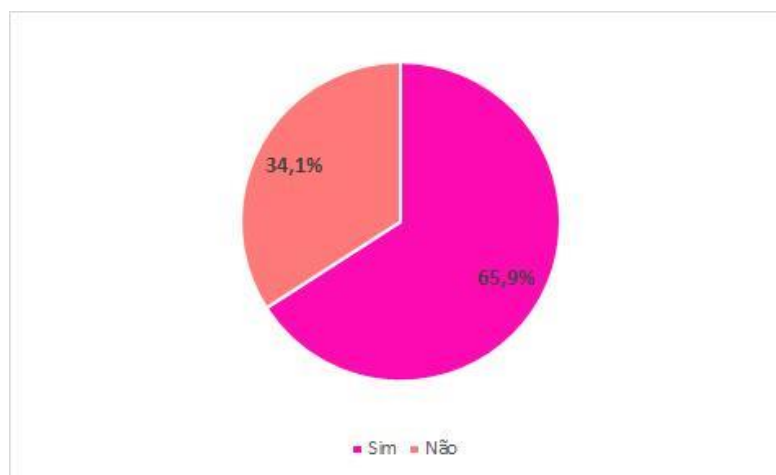


Fonte: dados obtidos na pesquisa.

Por outro lado, como estudante, Joana considera os preços dos livros bem salgados e confessa que carregá-los na mochila não é tarefa simples. Ela também se preocupa com o que a produção de papel gera e isso a faz sentir-se responsável pelos impactos ambientais. Já Carlos,

preocupado também com os impactos ambientais, mas principalmente pelo fato de sua situação financeira não conseguir acompanhar as leituras obrigatórias do curso, prefere realizá-las através de seus dispositivos móveis, fazendo parte da maioria que respondeu “sim” ao serem perguntados se gostam de ler em plataformas digitais:

Gráfico 3: Você gosta de ler livros através de suporte eletrônico?

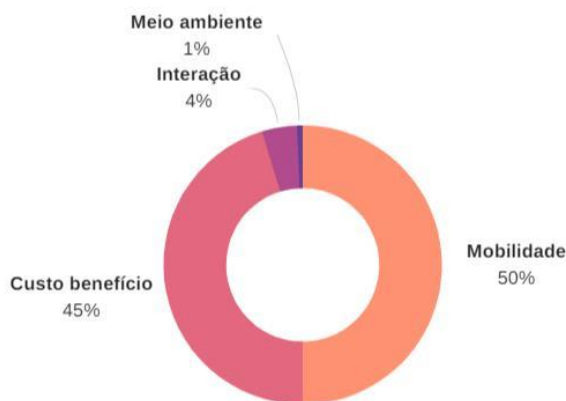


Fonte: dados obtidos na pesquisa.

Tal preferência levanta a reflexão acerca de algo que Moraes (2012, p. 6) afirma: “O leitor passa a dominar a aparência e a disposição do texto que aparece na tela do computador. São novos hábitos, novas ações e novas expectativas que estão sendo criadas em torno do texto e da leitura.”, pois, como apresentado no gráfico acima, a maioria dos leitores ainda prefere a leitura em meio físico, apesar das facilidades da tecnologia.

Além desses dois benefícios, a mobilidade é algo que Carlos leva bastante em consideração. Pelo fato de sempre estar com o celular em mãos, para ele é mais prático manter os livros que lê neste dispositivo, mesmo que o cansaço pela luminosidade da tela o impeça de ler muitas páginas por dia. O gráfico a seguir mostra os pontos considerados positivos por Carlos, bem como pelo restante dos entrevistados:

Gráfico 4: Pontos positivos da leitura de livros em suportes eletrônicos

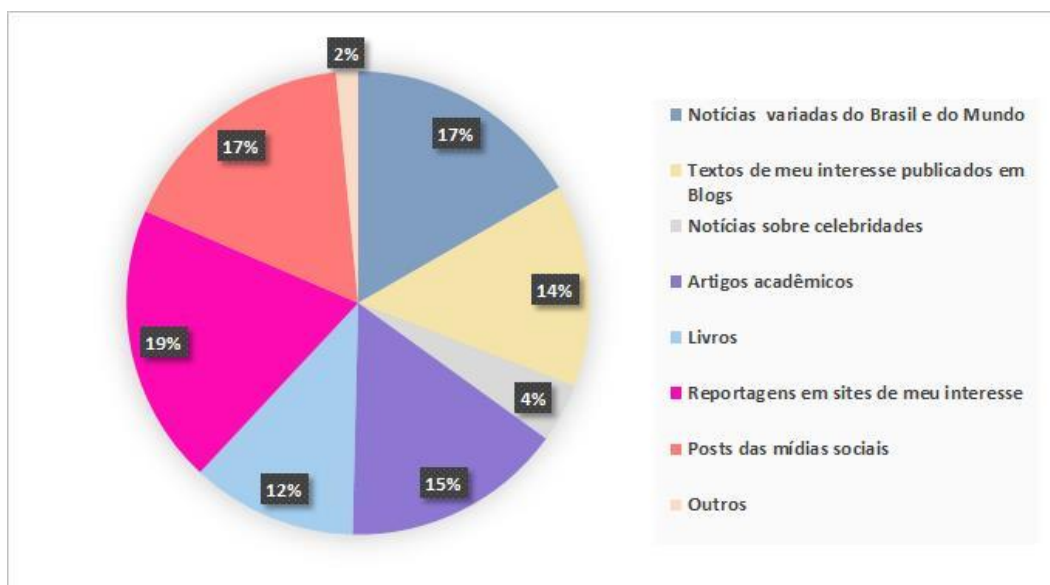


Fonte: dados obtidos na pesquisa.

A preferência de Carlos pela leitura em meios digitais é exemplo do que Moraes (2012, p. 2) afirma: “A linguagem não permaneceria imutável perante tal fato, a leitura, por exemplo, sofreu mudanças acentuadas com seus novos costumes e práticas diante dos textos disponíveis em suporte digital”.

Quando feita a questão chave da pesquisa: “A era da informação é, essencialmente, a era da leitura?”, Carlos e Joana tiveram opiniões diferentes. Para Carlos sim, porém alerta: *Com ressalvas, já que a leitura, assim como a escrita, em geral, tendem a ser curtas e com caráter quase que exclusivamente comunicativo e interativo.* Com base em sua resposta, é possível ver que os dados do gráfico abaixo se confirmam:

Gráfico 5: O que você costuma ler na internet?



Fonte: dados obtidos na pesquisa.

Joana, por sua vez, diz: *Não necessariamente, pois muitas pessoas possuem o acesso a diversos tipos de literaturas digitais, seja pela mobilidade ou até mesmo o custo benefício, porém o acesso não é sinônimo de fato de um efetivo leitor.* Segundo Chartier (*apud* Moraes 2012, p. 9):

O mundo contemporâneo está em tensão, justamente pela divulgação acelerada que a tecnologia possibilitou ao conhecimento, tornando-o “universal”, ou seja, sem distâncias territoriais ou materiais, mas ao mesmo tempo é um momento de crise pela imaterialidade do texto e existe uma confusão entre o particular e o coletivo.

A leitura dialógica bakhtiniana requer que a distância territorial e material do leitor/texto/autor não seja um empecilho, mas que esses desafios proporcionem um processo de interação mútua, como afirma Nascimento (2011).

Considerações finais

Este estudo buscou responder a pergunta título da pesquisa, que por sua vez, orientou a leitura e análise realizadas durante todo o projeto: a era da informação é essencialmente a era da leitura?

Antes de uma possível resposta a tal questionamento, convém sinalizar brevemente que o conceito de leitura tem se modificado durante a história. Mesmo com o desenvolvimento dos suportes de leitura o ato de ler implica mais do que o dinamismo desses suportes, requer que o sujeito leitor trafegue em via de mão dupla na qual as informações não sejam somente transmitidas a partir do enunciado lido, mas que o leitor formule sua concepção e a lance novamente ao enunciado com suas referências de outras leituras. Segundo Nascimento (2011, p. 4), “É nesse momento em que o conhecimento novo e o anterior se entrecruzam, que o processo dialógico ocorre”. Faz-se importante lembrar que as relações dialógicas que Bakhtin estabelece:

Não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendo-a como um estudo – ainda não-constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística (BAKHTIN, *apud* MARCUZZO, 2008, p. 4).

Assim, a leitura é aqui entendida como um processo de construção em que o sujeito desvela as lacunas contidas no texto e posteriormente as revela em um ato dialógico.

Na Antiguidade o leitor era apenas um ouvinte dos textos contados em voz alta por outros sujeitos. Anos mais tarde a invenção do pergaminho, suporte produzido a partir da pele de animais como cordeiros ou ovelhas, abriu demanda e espaço para o desenvolvimento do papel, que alterou a prática da leitura na Idade Média. Nesse período a leitura se dava única e exclusivamente no âmbito religioso, onde o livro tornou-se objeto envolto à áurea do sagrado, inacessível e venerado. É nessa época também que a leitura silenciosa surgiu e trouxe consigo importantes mudanças gráficas.

É somente no século XVIII, com o advento do romantismo literário e das feiras de livros em várias cidades europeias, que a prática da leitura torna-se um hábito realmente popular e com grande impacto na sociedade.

Saltando para o século XX é que se pode notar o surgimento de novos suportes de leitura, alimentados pela ânsia de informações rápidas e simultâneas, criando novos hábitos nos leitores e, conseqüentemente, visões mais atualizadas acerca do conceito de leitura. Almeida menciona que (2009 apud PEREIRA et al., 2012, p. 7),

Ler, segundo Freire, não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade.

Ler, portanto, é um processo complexo e que exige concentração, interação e imaginário. Esse processo vai além da decodificação das palavras, pois é obter o sentido real do texto.

Assim posto, retorna-se ao objeto de estudo, analisando os dois grandes grupos que se formaram em resposta à pergunta inicial: os que disseram que SIM, a era da informação caracteriza de fato um crescimento da leitura, e aqueles que disseram que NÃO, isso não ocorreu. Dos 91 participantes da pesquisa, 62 defenderam com suas próprias palavras a questão. É interessante observar que o grupo do SIM (31) justificou sua resposta trazendo na maioria das vezes a interface com os novos suportes digitais e seus diversos pontos de contato com a leitura através das redes sociais e sinalizaram o próprio aplicativo de troca de mensagens instantâneas, o *whatsapp*, como responsáveis por uma maior sobrecarga de leitura de seus usuários, uma vez que não é incomum a quantidade quase que em tempo real, exigida por tais mídias. Diariamente estima-se que a cada 60 segundos no Facebook 510.000 comentários são publicados, 293.000 status são atualizados e 136.000 fotos são carregadas, de acordo com dados mencionados no site da empresa Zephoria, sem contar compartilhamentos, sites de notícias que republicam suas reportagens no canal e, claro, nas outras redes como Instagram, LinkedIn e etc.

É diante dessa geração impressionante de conteúdo que o grupo do SIM credita o aumento da leitura, como pode-se perceber nos trechos a seguir: *Sim, pois estamos cercados pela leitura; Sim. Até mesmo a comunicação por telefone, que era oral, agora é essencialmente escrita, ocasionando maior leitura.; Sim, pois além da interpretação de outras vias informativas, como imagens, a leitura das informações (notícias, livros, etc...) também ocorre frequentemente.; Penso que nunca se leu tanto quanto se lê atualmente, então acredito que sim.* Importante observar que é nesta categoria que o SIM veio acompanhado de algum comentário ponderando a qualidade do ato da leitura, mesmo que crescente, seja pela superficialidade do conteúdo, compreensão e até mesmo veracidade dos textos que circulam na internet. A leitura para este grupo se encontra no ato em si, na decodificação de símbolos, linguagens e não necessariamente no descolamento de ideias e acesso a dimensões mais profundas do conhecimento sobre qualquer que seja o tema abordado.

É com base nessa perspectiva que o grupo do NÃO (28) se apoiou para desenvolver as respostas que confrontam a ideia de aumento de leitura em função da quantidade de textos que permeiam os sujeitos digitais. Justificativas bastante enfáticas surgiram, como por exemplo: *Não. Informação em demasia não significa leitura de qualidade; Não necessariamente, na verdade podemos ver que estamos numa 'era da desinformação' o que sugere que as pessoas não leem tanto quanto esperado. Eu mesmo tenho problemas para ler textos extensos; Infelizmente as informações são passadas muito rapidamente, mas, muitas vezes, as pessoas não leem realmente. Falta leitura de qualidade, pois as pessoas costumam, em um geral, ler apenas as mídias sociais, que costumam ser carregadas de gírias e inadequações.*

Constata-se nestas falas a presença do questionamento acerca da carga semântica dos conteúdos gerados e consumidos tão freneticamente pela internet, não caracterizando uma troca de saberes, uma expansão de conhecimento.

A pesquisa, portanto, evidenciou que as respostas se dão a partir de visões de leitura distintas, impossibilitando uma conclusão concreta acerca do questionamento. É inquestionável o fato de que o mundo está, sim, sendo lido de múltiplas e simultâneas formas, como nunca antes. Nada indica que isso não possa construir um caminho cativo para outros suportes de leitura mais densos como os livros e, conseqüentemente, mais leitores. Por outro lado, também não se pode desconsiderar a precarização do texto, as questões de autoria, ressignificação e as perigosas armadilhas nos discursos difusos que não podem ser analisados criticamente em função da velocidade que surgem.

Nesse sentido, chamam atenção os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2017. Os dados foram mencionados pela repórter Paula Laboissière, da Agência Brasil, no site da EBC (Empresa Brasil Comunicação). Das 4.725.330 redações corrigidas, 309.157 tiveram nota zero e apenas 53 registraram nota 1.000. Na edição anterior, foram 291.806 notas zero e 77

notas mil entre 6.034.672 redações corrigidas. Números que sinalizam problemas graves na escrita, ato intrínseco à leitura.

Em contrapartida a democratização da internet e aos suportes que a transmitem, distribuiu convites e abriu muitas portas a novos olhares, linguagens, sujeitos e gêneros, como jamais vistos antes.

Finalmente, os dados da pesquisa sugerem uma entressafra, cujo resultado ainda não está bem assentado e exige observação, cautela e acima de tudo, responsabilidade crítica na produção, divulgação e consumo de leitura no ambiente digital. Um fato é certo, a era da informação é campo fértil para o diálogo que mira o avanço e a conquista de novos leitores.

Referências

- EBC AGÊNCIA BRASIL. Educação. *Aumenta número de notas zero nas redações do Enem; resultados estão disponíveis*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-01/aumenta-numero-de-notas-zero-nas-redacoes-do-enem-resultados-estao>> Acesso em 20 jan. 2018
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. *A problemática dos ebooks: um contributo para o estado da arte*. Memórias da 6ª Conferência Ibero-americana em Sistemas, Cibernética e Informática (CISCI). v.2. Orlando, EUA, jul. 2007. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6717>>. Acesso em 27 mai. 2017.
- BRASIL. Governo do Brasil. *Pesquisa revela que mais de 100 milhões de brasileiros acessam a internet*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2016/09/pesquisa-revela-que-mais-de-100-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet>>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. *Revista Estudos Avançados*, v.16, n.44, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100010>. Acesso em 27 mai. 2017.
- DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. *Revista Ciência da Informação*, v.28, n.3, p. 269-277, set./dez. 1999.
- LEFFA, VILSON J. *Aspectos da Leitura*. Porto Alegre: Sagra - D C Luzzatto, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. Língua, lingüística e literatura, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003.
- MARCUZZO, Patrícia. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. *Revista Cadernos do IL*, n. 36, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/index>>. Acesso em 16 jan. 2018.
- MORAES, Léa Anny de Oliveira. *A leitura em suporte impresso e digital: modificações no modo de ler*. 2012. Disponível em: <http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/1908p.pdf> Acesso em 27 mai. 2017.
- NASCIMENTO, Priscila Rodrigues. Contribuições de bakhtin para a leitura literária: instrumentalizar para desenvolver o leitor estrategista. *Revista Anais do Silel*, v. 2, n.2, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/?page_id=5556>. Acesso em 16 jan. 2018.
- PEREIRA, E. J.; FRAZAO, G. C.; SANTOS, L. C. Leitura infantil: o valor da leitura para a formação de futuros leitores. *Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/21200>>. Acesso em 16 jan. 2018.

- PEREIRA, Lucas de Almeida. Os primórdios da informatização no Brasil: o “período paulista” visto pela ótica da imprensa. *Revista História*, v.33, n.2, p. 408-422, jul./dez. 2014
- RODRIGUES, Marcos Henrique Camargo. Gutenberg e o letramento no ocidente. *Revista Educação e Linguagens*, v.1, n.1, ago./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens>>. Acesso em 27 mai. 2017.
- SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura do século XIX. *Revista Entrelaces*, p. 45, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>>. Acesso em 27 mai. 2017.
- SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). *Leitura: perspectivas disciplinares*. São Paulo: Ed. Ática, 2000. p. 18-29.
- ZEPHORIA DIGITAL MARKETING. Insights. *The top 20 valuable facebook statistics*. Disponível em: <<https://zephoria.com/top-15-valuable-facebook-statistics/>> Acesso em 20 jan. 2018.

Chegou em: 30-11-2017

Aceito em: 23-01-2018